Acervo ISA

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Porantim Class.: 24

Data: jan-dez 192 Pg.: 12

Invasão e saque na Área Mequém

A comunidade indígena **Sakirabiar** do Rio Mequém, em Rondônia, foi invadida e saqueada por 26 homens fortemente armados, no dia 25 de dezembro passado. O índio Getúlio **Sakirapé** foi seqüestrado pelo grupo e levou um tiro de raspão na cabeça. Formado por pistoleiros e madeireiros, o grupo invadiu a área a fim de resgatar o maquinário apreendido durante uma batida realizada pela Funai, Polícia Florestal, Cimi, Aparaí e Secretaria de Desenvolvimento Ambiental, há três meses. Na ocasião, dez madeireiros foram presos em flagrante e estão sendo processados pela Justiça em Alta Floresta.

Entre eles, o madeireiro Deusdeth Tiago da Rocha, identificado como líder dos invasores no dia 25 de dezembro.

Segundo relatou Manoel **Sakirabiar**, na noite em que a aldeia foi invadida, os índios haviam saído para uma festa, ficando no local, além dele, apenas sua mulher e Getúlio **Sakirapé**. Manoel foi despertado por um grupo de pessoas que batiam à sua porta e lhe ordenavam para que saísse, dizendo que eram da Polícia Federal. Disse ter se assustado com o grande número de pessoas, e logo reconheceu o madeireiro Deusdeth. Com a desculpa de ir pegar fumo na cozinha, conseguiu pular a janela e fugir para a floresta. A mesma sorte não teve Getúlio, que ao vir em socorro do amigo, foi preso e levado pelos homens. Os pistoleiros dispararam seis tiros contra ele, quando corria para o mato, após ter sido liberado. Um dos tiros lhe acertou a cabeça, de raspão.

Avisado sobre o incidente no dia seguinte, o administrador local da Funai somente tomou providências na véspera do Ano Novo. O Cimi-Rondônia decidiu procurar o Ministério Público para pedir a apuração dos fatos. Os missionários foram autorizados pelo procurador a se dirigirem à área, acompanhados pela Polícia Federal e a Funai, para colher o depoimento dos índios. Em seguida foi pedida a abertura do inquérito policial na delegacia de Alta Floresta.

Delegacia da Funai é ocupada em Cacoal

Revoltados com o fraco empenho do administrador da Funai, Djalma Porto, para resolver os problemas das comunidades indígenas do rio Mequém, cerca de 140 índios **Suruí**, **Cinta-Larga** e **Sakirabiar**, ocuparam a Delegacia da Funai no município de Cacoal, no dia 5 de janeiro. Exigiram a demissão do administrador, o esclarecimento da morte do **Zoró** Passino, ocorrida em meados de dezembro, e a localização do material roubado da área do rio Mequém no dia 25 de dezembro. Os índios só saíram da Delegacia após a substituição do administrador da Funai, cinco dias após a ocupação.

Conforme uma nota divulgada no dia 15 de janeiro por nove entidades não governamentais de Rondônia — entre elas o Cimi, a CPT, o Grupo União e Consciência Negra e a Articulação dos Povos Indígenas de Rondônia e Norte do Mato Grosso —, a Delegacia continua fechada e só deverá reabrir com a presença do presidente da Funai, Sidney Possuelo.

Operação Flora Viva

Durante a operação de desobstrução da área indígena do rio Mequém, realizada em setembro de 1991, a Funai prendeu em flagrante e conduziu para a delegacia de Alta Floresta os madeireiros Jair Campagnori, Wilson Ratund, Deusdeth Tiago da Rocha, Vicente Vitorino de Souza, Quirino Alves Amorim, Aparecido de Jesus, Joel da Silva, Edilson Verdiano da Silva e Diran Vitorino. Eles estão respondendo a processo em liberdade, após terem pago fianças que variaram de um a cinco salários mínimos. A Polícia Florestal embargou 1.867 metros cúbicos de madeiras nobres — mogno, cerejeira e cedro-rosa, entre outras. Foram apreendidos também três tratores CBT, um trator Ford, uma pá carregadeira, duas máquinas de esteira, uma moto Yamaha DT 180, duas moto-serras 076, uma moto-serra 051 e uma moto-serra 08. Este maquinário ficou sob a guarda dos **Sakirabiar**, mas acabou sendo roubado pelos madeireiros. Na mesma operação 25 outros invasores foram intimados a se retirarem da área no prazo de 30 dias. Segundo informações do Cimi de Rondônia, ainda permanecem no local os posseiros José Teixeira e Osvaldo da Fazenda Mexicana. (**Patrícia Saldanha**, com a colaboração de Maria Cecília Filipini, assessora jurídica do Cimi-RO).